



MARIA DE ARRUDA MÜLLER

*Maria Benedita Deschamps Rodrigues
(Dunda Rodrigues)*

Antes de tudo, não devemos esquecer de que ela também foi Ponce.

No passado, este sobrenome traduzia força, coragem e sedução. Diziam que o olhar de Generoso Paes Leme da Sousa Ponce era sedutor e tão forte que, fixando com intensidade e intenções sedutoras, chegava a engravidar moças fracas e incautas.

Conheci-o por um retrato genial, pintado por excelente artista que viera dar com os costados nestas paragens.

Pela grande curiosidade que tinha em conhecer a casa senhorial dos Ponce, fiz amizade com dona Marianinha, sua esposa, e ao passar pela sua janela, entrava muito sem cerimônia para cumprimentá-la.

Mas, a primeira moça do ramo dos Ponce, que conheci, foi a Chiquinha, moça bonita e faceira que, no gabinete dentário do Zeca Verlangieri, dava gemidos lancinantes de uma grande sofredora, comovendo a todos os presentes.

Um dia, eu a interpelei:

– *Mas Chiquinha, você sofre tanto assim na cadeira dentária?*

Ao que ela respondeu-me:

– *Não, minha filha, eu gemo por entecipação para que o Zeca não judie comigo!*

Já, dona Maria Ponce, antes de ser Arruda, levou a sua inteligência para as letras, ao participar do primeiro grêmio literário feminino – Júlia Lopes – e da primeira revista neste gênero – *A Violeta*. E teve a sorte de se casar com um homem também

inteligente que lhe não cortou as asas, fazendo-a trocar letras pelo fogão, como era costume na época. Como os homens de então gostavam de elogiar as suas “caras-metades” considerando-as mãos no canto, hábeis para os serviços domésticos.

O Grêmio e a revista *A Violeta* serviram para comprovar que a mulher não sabia apenas o forno e o fogão. O seu estilo é suave, amistoso e compreensivo, o que marcou várias mulheres de sua época, pois entorpeceu de certo modo aquele repugnante ditado, como se a mulher só prestasse para o fogão. Ela e suas bravas companheiras deram-nos mostra de que a mulher é também um ser pensante.

Ao atingir a idade gloriosa dos cem anos, a sua cabeça continua firme e produtiva. Não oscila e nem se perde em devaneios inconsequentes. Os seus pensamentos conservam a mesma exatidão e clareza. Em momento algum se mostrou claudicante ou fraca. As assertivas que apresento confirmam a força de sua juventude, quando lecionava e escrevia para a revista *A Violeta*.

Que Deus a conserve assim, Dona Maria, como um baluarte da nossa cultura genuinamente mato-grossense, defendendo a nossa história, o nosso modo de ser, a nossa vida e a nossa gente.

Há pessoas que encaram a vida como um pesadelo, um fardo a equilibrar nas frágeis costas de um esqueleto humano. E, ao invés de seguirem bravamente a luta, logo se envergam, se lastimam e a sua própria atitude as transformam num ser humano lamuriendo, desagradável e de difícil convívio.

Dona Maria, nem de leve se aproxima deste tipo desagradável de pessoa. Não perdeu o gosto pela vida, não abandonou o seu pendor pelas letras.

Todo mundo sabe que o seu marido não nasceu Interventor. O casal lutou, ambos foram funcionários públicos e Dona Maria exerceu a função de professora, mesmo no limiar dos 100 anos, alfabetizando adultos. Conciliou muito bem as letras com os deveres domésticos, colaborando em revistas e alfabetizando adultos. Ainda, equilibrando muito bem o orçamento da casa.

Na comemoração dos seus cem anos de vida útil, Dona Maria recebeu palavras de brilhantes oradores que rememoraram sua vida útil e produtiva, quer dentro do lar, como mãe, dona de casa, quer como funcionária, professora e pela sua dedicação às letras, o que a levou a uma Cadeira da Academia Mato-Grossense de Letras e ao Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, onde ela é Sócia Honorária.

Brava mulher! Sempre mantendo a sua educação de berço. Os postos que ocupou nunca lhe subiram à cabeça, pois sempre manteve sua educação de berço, sem modificar-lhe o trato com as pessoas de quaisquer níveis sociais. E Deus, numa graça especial, conservou-lhe com a mesma lucidez e inteligência, sem laivos de um destino que o avançar da idade sempre nos trás.

Louvores a você, minha cara e respeitável amiga: Maria de Arruda Müller.